

Tigre de papel¹

Guy Sorman*

Tradução: Rodrigo Garcia

Muitos no Ocidente acreditam que o crescimento chinês criou uma classe média independente que vai pressionar por mais liberdades políticas. Mas quem usufrui das vantagens é uma classe de novos ricos, que trabalham nas Forças Armadas, na administração pública, em empresas estatais ou em firmas privadas de fachada, enquanto a esmagadora maioria da população vive na mais negra miséria.

Nos dias de hoje, a imprensa ocidental está repleta de reportagens sobre a transformação da China numa superpotência. Um grande número de missões políticas e empresariais visita Pequim, confiantes na economia chinesa, que continua crescendo rapidamente. Investimentos florescem. Coroando o novo status do país, Pequim será sede da Olimpíada de 2008. Mas, depois de passar todo o ano de 2005 e parte do de 2006 viajando pela China, visitando não só as prósperas cidades e falando com dezenas de dissidentes, líderes do Partido Comunista e gente do povo, minha crença que o século XXI não pertence aos chineses apenas foi reforçada.

É verdade, 200 milhões deles, felizardos por trabalharem num mercado globalizado em expansão, estão cada vez mais usufruindo dos padrões de vida da classe média. O 1 bilhão de chineses restantes, porém, estão entre os mais pobres e mais explorados povos do mundo, até sem direitos e serviços públicos mínimos. O PC, se já não é mais tão totalitário, ainda é

cruel e opressivo. Sua falsidade foi totalmente revelada na crise da Aids no país. O problema é mais grave na Província de Henan, onde um número incalculável de camponeses pobres contraiu a doença na década de 1980 depois de venderem o plasma de seu sangue – em um processo que envolve a sua retirada, a mistura com outros tipos de sangue e, após a extração do plasma, o sangue era injetado novamente nos doadores. A China não fez os testes de HIV e terminou infectando os doadores ao devolver-lhes o sangue contaminado. Centenas de milhares já morreram.

O que eu vi em Nandawu, com 3.500 habitantes, vai ficar comigo para sempre. A doença atinge pelo menos 80% das famílias. Em toda casa que entramos havia um moribundo deitado. A maioria dos doentes não tem remédio. Uma mulher tinha posto um líquido num frasco de soro e injetado na veia de seu marido, preso à cama havia mais de dois anos e coberto de feridas. O que era o líquido? Ela não sabia. Por que estava fazendo isso? “Vi no hospital e na

¹ Transcrito de MídiaSemMáscara. Publicado pelo *Diário do Comércio* em 27/04/2007.

* O autor é jornalista.

TV que as pessoas doentes têm de estar ligadas a um frasco como esse.”

A migração das zonas rurais pode ser uma saída, mas não é fácil encontrar um trabalho permanente na cidade. Exigem-se todos os tipos de licença, e a única forma de consegui-la é subornar burocratas. Multidões de migrantes – e a China tem atualmente 200 milhões deles – se mudam de um canteiro de obras para outro, recebendo uma pequena ração, no máximo. Geralmente, os migrantes não ganham permissão para trazer suas famílias para viver com eles e, mesmo que pudessem, conseguir acomodação e educação para as crianças seria praticamente impossível.

O destino dos cidadãos chineses freqüentemente depende de onde eles estão. Alguém nascido em Xangai é considerado um aristocrata e tem o direito de morar e estudar em Xangai. Alguém que nasceu numa aldeia, porém, apenas pode ir à escola da aldeia, até que uma universidade o admita numa rara facanha para um camponês. Um acadêmico norte-americano, Feiling Wang, foi para a China estudar esse sistema de discriminação, que poucos no Ocidente conhecem, mas o Governo o expulsou.

Os moradores das aldeias várias vezes me disseram que não era o secretário local do PC quem eles mais odiavam, mas sim os agentes do planejamento familiar que fiscalizam a política de um filho por casal, freqüentemente sujeitando mulheres a violências terríveis. A política de um filho não é só monstruosa, ela está provocando um aumento da fatia da população idosa, que precisa cada vez mais de cuidados – um problema que um país pobre como a China não está preparado para lidar.

O frenético crescimento econômico do país vai acabar com o descontentamento? Não, de acordo com o respeitado economista Mao

Yushi, sob prisão domiciliar por solicitar que o Governo se desculpasse pelo massacre da Praça da Paz Celestial, de 1989. Ele não confia nas informações do PC sobre uma taxa de crescimento anual de 10% – e por que deveria acreditar em estatísticas oficiais quando o partido mente tanto sobre tudo? Fazendo seus próprios cálculos, ele chega à taxa de aproximadamente 8% por ano, forte, mas não “milagrosa”, como alguns no Ocidente a descrevem.

Além disso, ele acredita que a atual taxa de crescimento não é sustentável. Os gargalos naturais de falta de energia, de matéria-prima e, especialmente, de água vão prejudicar o caminho. Segundo Mao, há também o fato de que as decisões sobre investimentos freqüentemente obedecem a considerações políticas em vez de questões de mercado, o que ajudou a levar a taxa de desemprego a algo próximo dos 20%. Oficialmente ela está em 3,5%.

Muitos no Ocidente acreditam que o crescimento chinês criou uma classe média independente que vai pressionar por mais liberdades políticas. Mas o que existe na China, explica Mao, não é uma classe média tradicional, mas uma classe de novos ricos, recém-chegados que trabalham nas Forças Armadas, na administração pública, em empresas estatais ou em firmas aparentemente privadas, mas que de fato pertencem ao partido.

O PC põe na conta dessas empresas a maior parte dos gastos com telefones celulares, gastos com restaurantes, viagens “de estudo” ao exterior, carros de luxo importados e enormes despesas nos cassinos de Las Vegas. E ele pode aproveitar essas vantagens a qualquer momento. Em março, a China anunciou que iria introduzir direitos de propriedade individual para os novos ricos (mas não para os camponeses). Eles poderão passar para seus filhos o que conquistaram – outra razão pela qual é improvável

que pressionam pela democratização de um regime que lhes assegura seu *status*.

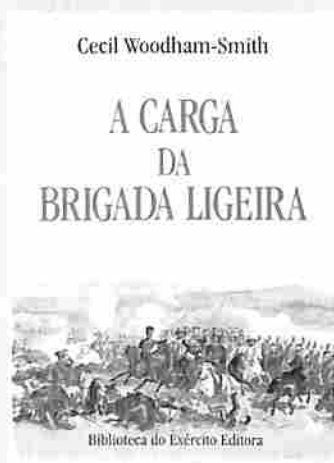
Como a economia chinesa precisa desesperadamente dos consumidores e investidores do Ocidente, os responsáveis pela imagem do país fazem tudo o que podem para seduzir os analistas estrangeiros. “Você vai ousar negar a história de sucesso da China, sua estabilidade social, crescimento econômico, renascimento cultural e moderação internacional?”, perguntou-me em Paris um acadêmico subsidiado pelo partido. Respondi que a opressão política e religiosa, a censura, a pobreza rural endêmica, os excessos do planejamento familiar e uma corrupção desenfreada são tão reais quanto o

crescimento econômico na China atual. “O que você está dizendo é verdade, mas afeta apenas uma minoria ainda não beneficiada pelas reformas”, insiste.

Não há nada que garanta que essa chamada “minoria” – 1 bilhão de pessoas – vai se integrar com a China moderna. Também é possível que ela continue pobre, já que não se diz nada sobre como determinar seu futuro, mesmo que os membros do partido fiquem mais ricos. O pesquisador enfatiza minha idéia fundamental: “Você não tem nenhuma confiança na habilidade do partido em solucionar essas questões pertinentes que você destacou?” É isso, eu não tenho. ☉

BIBLIOTECA DO EXÉRCITO EDITORA

Coleção General Benício



A Carga da Brigada Ligeira

Cecil Woodham-Smith

Após consultar farta documentação primária, a autora aborda um dos episódios militares mais famosos e de extrema importância para os leitores brasileiros interessados em História Militar. A Carga da Brigada Ligeira, comandada por Lorde Cardigan, durante a batalha de Balaclava, na Guerra da Criméia em 1854, é episódio que, pela sua notoriedade, deve ser conhecido em profundidade por todos os militares de carreira e por estudiosos de história. Atendendo a este universo, a Biblioteca do Exército Editora entrega aos seus assinantes/leitores tão importante título.